
hoje seguida ou adoptada por qualquer autorizado escritor. A sua posição geográfica tem sido objecto de algumas discordâncias, tendo o dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo, depois de um estudo aprofundado do assunto e procedido ao confronto comparativo de várias cartas, adoptado como mais seguras as seguintes coordenadas geográficas: o arquipélago demora entre os paralelos $33^{\circ} T 50''$ e $32^{\circ} 22' 20''$, de latitude norte, e entre os meridianos $16^{\circ} 16' 30''$ e $17^{\circ} 16' 38''$, de longitude oeste (Greenwich).

Fica este arquipélago situado entre a Europa Ocidental, que lhe defronta por nordeste, a costa marroquina da África Ocidental, que lhe decorre de leste para sueste, o arquipélago dos Açores, por noroeste, e o das Canárias pelo sul. O ponto mais próximo a que o arquipélago madeirense se acha da costa ocidental de Marrocos é o Cabo Cantim, que tem sensivelmente a mesma latitude da Madeira e que fica equidistante, cerca de 60 milhas, das cidades de Mazagão, ao norte e Mogadouro, ao sul. A distância a que ele se encontra do continente português é aproximadamente de 500 milhas e 350 do Cabo Cantim, na costa ocidental africana.

A situação relativa das ilhas da Madeira, Porto Santo e o grupo das Desertas apresenta a forma dum triângulo escaleno, cujo lado mais curto é o canal que se estende entre o Ilhéu de Fora, no extremo leste da Madeira (Ponta de São Lourenço), e o Prego do Mar ou Ilhéu do Navio, próximo do Ilhéu Chão (Desertas); o lado imediatamente mais longo é formado pelo canal (Travessa), que vai do citado Ilhéu de Fora (Ponta de São Lourenço) até o Ilhéu de Baixo ou da Cal (Porto Santo); e o lado mais extenso é constituído pelo canal que se prolonga desde o já referido Ilhéu de Baixo ou da Cal (Porto Santo) até o Prego do Mar ou Ilhéu Chão (Desertas), tendo respectivamente cada canal 11, 27 e 32 milhas, que são as distâncias que a Madeira, o Porto Santo e o grupo das Desertas guardam entre si.

Os pontos extremos deste arquipélago são geralmente fixados da seguinte maneira: pelo norte a Rocha do Nordeste ou Ilhéu de Fora (Porto Santo), pelo sul a Ponta da Agulha ou Ponta do Sul, na extremidade sul do Bugio (Desertas), por leste o Ilhéu de Cima ou dos Dragoeiros (Porto Santo) e por oeste a Ponta do Pargo (Madeira).

São divergentes os cálculos feitos acerca da superfície de todo o arquipélago e em especial de cada uma das ilhas que o compõem. O dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo, que versou este assunto com alguma largueza, no notável artigo do Dic. Univ. Port. II., diz que alguns autores computam em mais de mil quilómetros quadrados a área global do arquipélago tendo-se posteriormente admitido que essa superfície se calculava em torno de 800 quilómetros, e termina por afirmar que os cálculos mais recentes e que julga mais aproximados da verdade dão a todo o arquipélago uma superfície de 560 quilómetros quadrados, tendo 500 quilómetros a ilha da Madeira, 50 a do Porto Santo e 10 o pequeno grupo das Desertas.

Em vários documentos de carácter oficial e ainda recentemente no «Censo da População», publicado no ano de 1934 se diz que a superfície da ilha da Madeira é de 740,62 quilómetros quadrados e a do Porto Santo de 42,17 quilómetros quadrados.

O arquipélago da Madeira, afora as cidades de Lisboa e Porto, é a região do nosso país em que é maior a densidade da população, dando o «Censo» já citado o número de 270 habitantes por cada quilómetro quadrado para a época actual. No artigo População, dar-se-á uma notícia desenvolvida, por concelhos e freguesias, do movimento da população em todo o arquipélago. No entanto, diremos aqui que o censo a que se procedeu no ano de 1940 atribui o total de 251.798 habitantes ao nosso arquipélago, sendo 249.097 à Madeira e 2.701 ao Porto1 Santo.

O arquipélago da Madeira e o pequeno grupo das Ilhas Selvagens (V. Selvagens) constituem o distrito administrativo do Funchal, que tem por capital a cidade do mesmo nome. (V. os artigos respeitantes ao distrito, comarca, concelho, cidade e diocese do Funchal, em que se dá sucinta notícia da organização dos diversos serviços públicos, civis, religiosos e militares, que têm ali as suas sedes).

Em vista dos trabalhos realizados há poucos anos pela «Missão Hidrográfica das Ilhas Adjacentes», vê-se que os dados referentes à superfície das ilhas deste arquipélago divergem parcialmente dos elementos até agora conhecidos. As condições especiais em que foram executados esses trabalhos oferecem a mais inteira confiança e, por isso, vamos deixar aqui arquivados alguns dos novos dados obtidos por essa «Missão Hidrográfica», transcrevendo-os do primeiro volume da obra Ilhas de Zargo.

A Ilha da Madeira tem 728 quilómetros quadrados de superfície, a do Porto Santo 49, a Deserta Grande 10, o Bugio 3 e o Ilhéu Chão 380 metros quadrados. São da mesma procedência estas informações respeitantes ao perímetro da linha da costa marítima da Madeira: Da Ponta do Barlavento à Ponta da Cruz 37.200 metros, da Ponta da Cruz à Ponta do Pargo 40950, da Ponta do Pargo à Ponta do Tristão 7.575, da Ponta do Tristão à Ponta de São Jorge 32.400 e da Ponta de São Jorge à Ponta do Barlavento 33.225, o que perfaz a totalidade de 151.350 metros. O perímetro da costa da Ilha do Porto Santo é de 37.800 metros, da Deserta Grande de 26.700, do Bugio 17.000 e do Ilhéu Chão 3.700.

O maior comprimento vem assim indicado: da Ponta de S. Lourenço à Ponta do Pargo, 57.900 metros, e da Ponta de São Lourenço à Ponta do Tristão 52.650, sendo de 22.900 metros a largura entre as Pontas da Cruz e de São Jorge. O Porto Santo mede 11.600 metros de comprimento e 5.000 de largura, a Deserta Grande 11.000 de c. e 1.900 de l., o Bugio 7.500 de c. e 700 de l. e o Ilhéu Chão 1.600 de comprimento e 500 de largura.

Madeira (Ilha da). É a maior e a mais importante das ilhas do arquipélago. Fica situada entre 32° 52' 8" e 32° 37' 25" de latitude norte, e entre 16° 39' 30" e 17° 16' 38" de longitude oeste (Greenwich). Dista vinte e uma e meia milhas do Porto Santo (da Ponta de São Lourenço ao Ilhéu de Baixo ou da Cal) e onze milhas das Desertas (da Ponta de São Lourenço ao Ilhéu Chão). Do porto do Funchal ao ancoradouro da vila do Porto Santo, vai a distância de quarenta e meia milhas. Estende-se esta ilha de leste a oeste, e tem uma «forma tirante a pentágono», que lhe é aproximadamente dada pelas pontas de São Lourenço, a leste, a de Santa Cruz, ao sul, a do Pargo e a de Tristão, a oeste, e a de São Jorge, ao norte. O seu maior comprimento, na direcção leste-oeste, tendo como limites extremos as pontas de São Lourenço e do Tristão, é de 67 quilómetros, e a sua maior largura na direcção norte-sul, tendo como limites extremos as pontas de São Jorge e da Cruz, é de 28 quilómetros. O perímetro da costa conjectura-se que seja aproximadamente de 157 quilómetros e a sua superfície de 500 quilómetros quadrados.

Uma cordilheira elevada, que corre de L. a W., estabelece a divisão da Madeira em duas costas, a meridional e a setentrional, sendo nessa cordilheira, onde há eminências que vão desde 1000 a 1861 metros, que têm origem as grandes ribeiras da ilha, as quais trazem de Inverno grandes volumes de água que não poucas vezes têm causado estragos no Funchal e noutros pontos do litoral. As vertentes da serra central são em geral mais abruptas para o lado norte do que para o do sul, havendo naquele lado apenas dois portos sofríveis, o do Porto do Moniz e o do Porto da Cruz, enquanto que, na costa meridional, há várias enseadas e baías, onde os navios e os barcos podem encontrar abrigo contra os ventos dominantes. Os principais contrafortes da referida serra são a Penha de Águia e o Cortado de Santana, na costa do norte, e a Ponta do Pargo, o Cabo Girão e o Cabo Garajau, na costa do sul.

Os cumes mais altos da região central da Madeira são os picos Ruivo, das Torres, do Canário, do Areeiro, de Santo António, Grande e das Torrinhãs, os quais rodeiam o Curral das Freiras, vasta profundidade considerada por alguns geólogos como uma cratera, e por outros com um vale de erosão, e as ribeiras mais notáveis da ilha são a de Machico, a de Santa Cruz, a de S. Pedro, a do Porto Novo, a de João Gomes, a de Santa Luzia, a de S. João, a dos Socorridos, a de Câmara de Lobos, a da Ribeira Brava, a da Ponta do Sol, a da Madalena, a de S. Bartolomeu, a da Janela, a do Seixal, a de São Vicente, a de 3 Moinhos, a de S. Jorge e a do Faial.

Na enseada do Funchal fundeiam os navios em plena segurança com todos os ventos que não sejam os dos quadrantes, desde o SW até o SE pelo sul e, em volta dela, está edificada na falda das montanhas e, em anfiteatro, a cidade do mesmo nome, capital da ilha e de todo o arquipélago, conhecida desde remota data pela amenidade do seu clima, pela beleza dos seus arrabaldes, pelas lindas quintas que a ornaram e pela polidez dos seus habitantes.

Tem a ilha da Madeira uma só cidade, que é a do Funchal; seis vilas que são, começando pelo lado de leste, as de Machico, Santa Cruz, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta e S. Vicente.

Os pontos do interior da ilha mais dignos de ser visitados pelos soberbos panoramas, que deles se desfrutam, são o Rabaçal, o Monte Medonho, as Fontes da Ribeira do Inferno, a Cumeada de S. Vicente, o Pico Ruivo, o Pico do Areeiro, a Boca dos Namorados, o Ribeiro Frio, a Ribeira de S. Jorge, Santana, o Pico da Suna, etc., e no litoral há lugares que também merecem ser vistos, tais como a Piedade, a Ponta de São. Lourenço, o Garajau, a Praia Formosa, o Fojo, o Cabo Girão, a Foz da Ribeira da Janela, a da Ribeira do Inferno, a Ribeira de João Delgado, a ermida de S. Vicente, a Entrosa, a Ponte de São Jorge, a Rocha do Navio e Porto da Cruz. Em muitas ribeiras há belas quedas de água e de todos os

pontos elevados se admiram vistas extensas e variadas, de uma beleza inexcelável.

O Paul da Serra é a única planície de uma certa extensão que aparece na Madeira, sendo, porém, um lugar inóspito durante o Inverno, devido à violência com que aí se desencadeiam as tempestades.

As estradas madeirenses são muitas vezes péssimas, e nalgumas o ângulo de inclinação é tal que só com grande esforço se pode transitar por elas. O viajante pode visitar quase todos os pontos dos arrabaldes do Funchal, servindo-se dos carros puxados por bois, mas para alcançar certos pontos do interior e «ubir às fragosas eminências que formam uma boa parte da ilha, necessário é recorrer ao cavalo ou à rede, sendo este último meio de transporte o mais adequado a certo género de viagens. (1921).

O Funchal está ligado ao Terreiro da Luta, acima da igreja do Monte, por um elevador ou caminho de ferro de cremalheira (1921), e a Machico e à Ribeira Brava vai-se hoje com bastante comodidade, visto as estradas permitirem o trânsito de automóveis. A Cumeada de S. Vicente, ponto do interior donde se desfrutam vistas surpreendentes tanto para o norte como para o sul da ilha, pode desde 1916 ser visitada em automóvel, estando já começadas outras estradas destinadas a facilitar aos turistas o conhecimento das belezas naturais da nossa terra.

Nos últimos anos têm as estradas tido um grande desenvolvimento como se verá no artigo «Viação».

A Madeira produz vinha, cana sacarina, cereais, batatas, sementes, cebolas, várias cucurbitáceas e leguminosas úteis, linho, sorgo, etc, e a sua flora é riquíssima,

vendo-se nas quintas e jardins plantas de quase todas as regiões do globo, vegetando tão bem como no seu país natal. Além de todas as árvores de fruto europeias, aparecem na ilha as anoneiras, as bananeiras, as goiabeiras, as papaias, os maracujás e outras espécies originárias dos países quentes.

A foca ou lobo marinho e dois morcegos são os únicos mamíferos que parecem ser indígenas, mas as aves, e principalmente os moluscos e insectos, acham-se representados na ilha por grande número de espécies. Os mares madeirenses fornecem grande número de espécies de peixes, algumas delas de carne muito saborosa, e a tartaruga não é rara, se bem que os seus ovos não tenham nunca sido achados na Madeira ou no Porto Santo.

Não existem na ilha minas de metais e depósitos de enxofre, mas as pirites de ferro e o ferro especular têm sido achados em pequenas quantidades perto da Ponta do Sol, e em Santo António e noutras localidades encontram-se águas mais ou menos ricas em carbonato de ferro. Em S. Vicente, encontra-se a pedra calcária e em S. Jorge existe um depósito de lignte bastante impura.

As chuvas são pouco abundantes na estação quente, e anos há em que não cai uma única gota de água na região baixa da Madeira durante os meses de Julho e Agosto. Para remediar esta falta, construíram-se numerosos canais ou levadas (V. este nome) que conduzem a várias localidades as águas do interior, sendo graças às irrigações que se praticam aqui desde tempos antiquíssimos, que certas culturas se mantêm não só durante o estio, mas noutras épocas em que as chuvas faltam ou são pouco copiosas. Há levadas construídas pelo Estado, e levadas construídas por particulares, sendo estas em muito maior número do que aquelas.

A Madeira exporta os seus excelentes vinhos, obras de vimes, bordados, cebolas, manteiga, açúcar, etc. e importa cereais, tecidos, azeite, petróleo, sal, géneros de

mercearia, etc. Entre as indústrias madeirenses, são dignas de referência especial a dos bordados, a do fabrico do açúcar e aguardente, a da manteiga, a das conservas do atum, a dos tecidos de palha para chapéus de diferentes qualidades e a das obras de verga.

Os primeiros povoadores da Madeira foram os donatários e as pessoas que os acompanharam. Refere Frutuoso que, quando se tratou de povoar a ilha, o Rei «mandou dar os homecidas que houvesse pelas cadêas do Reyno, dos quais João Gonçalves Zargo não quiz levar nenhuns dos culpados por causa da fee, ou treição, ou por ladrão; das outras culpas e homisios levou todos os que houve, e foram delle bem tratados; a da outra gente, os que por sua vontade queriam buscar vida e ventura, foram muitos, os mais delles do Algarve».

Mas, se é certo que vieram de Portugal, e em especial do Algarve, as primeiras pessoas que colonizaram as terras do arquipélago, não é menos certo que a este núcleo de povoadores se juntaram sucessivamente variados elementos provenientes de outras partes. O comércio dos açúcares e depois o dos vinhos atraíram à Madeira numerosos estrangeiros, desejosos de fazer fortuna, ao mesmo tempo que muitos cativos mouros e escravos negros e canários eram transportados para esta ilha afim de arrotearem as terras e serem empregados noutros serviços.

Por 1486, havia na Madeira muitos estrangeiros que se tinham tornado cultivadores e fabricantes de açúcar, pelo que foram por duas vezes mandados sair da ilha e depois readmitidos, e quando em 1590 Frutuoso escreveu as Saudades da Terra, existiam no Funchal muitas famílias inglesas e flamengas, que exerciam o seu negócio na rua dos Mercadores. A colónia flamenga, importante ainda nos princípios do século XVII, desapareceu mais tarde ou fundiu-se com a população madeirense, ao passo que a colónia inglesa se manteve e aumentou mesmo desde 1640, chegando a adquirir no século XIX ver

dadeira preponderância no comércio da ilha. O domínio castelhano, que se dilatou por espaço de 60 anos, trouxe à Madeira grande numero de espanhóis, e quando as tropas inglesas se retiraram desta ilha depois de a terem ocupado de 1801 a 1802 e de 1807 a 1814, deixaram estabelecidas aqui algumas famílias.

Do que fica dito, vê-se pois que a população da Madeira está muito longe de ser homogénea. Os cruzamentos, em diversas proporções e em diversas direcções realizados durante mais de 4 séculos, modificaram um tanto o tipo primitivo dominante, dando origem a desvios que se não harmonizam muitas vezes com a situação geográfica da ilha.

É em ocasiões de arraiais e de procissões que melhor se observam os vestígios que deixaram na população madeirense os vários elementos que se estabeleceram nesta ilha desde o meado do século XV. As peles brancas, os cabelos loiros e os olhos azuis, próprios das raças do norte da Europa, não são raros entre as mulheres, e pode-se dizer que 20 a 30 por cento das crianças são loiras até à idade de 6 a 8 anos. Os homens são em regra mais ou menos morenos, mas observa-se algumas vezes entre eles o tipo loiro, se bem que com muito menor frequência do que entre as mulheres.

O tipo bérbere caracterizado pela cor trigueira, especialmente no homem, pelo nariz um tanto curvo e pelos cabelos negros e corredios, aparece já um tanto modificado nalguns pontos da costa de leste, sendo natural que proceda principalmente dos antigos mouros que habitaram a ilha. «A cidade do Funchal, diz o dr. Azevedo nas notas às Saudades da Terra, teve a sua mouraria, e é tradição que na freguesia da Ponta do Sol viveram muitos mouros». E de crer que a vinda de muitas famílias castelhanas para a Madeira durante o domínio filipino influísse algum tanto na propagação do tipo berbere na ilha; no entretanto não foi da Espanha, onde ele é comum, mas de Marrocos, que primeiro nos veio esse tipo, tão fácil de reconhecer ainda entre a população de certas localidades

madeirenses. Nos livros paroquiais do século XVIII, encontram-se muitos termos de batismos, casamentos e óbitos de escravos negros, e, na narrativa da segunda viagem do capitão Cook, lê-se que havia na Madeira em 1772 um número prodigioso de negros e de mulatos, uns livres, outros escravos. O dr. Azevedo, que escreveu em 1870 as notas às Saudades da Terra, diz que abundavam nessa época os mestiços da raça africana «mormente no Curral das Freiras e no norte da ilha».

Certos indivíduos pertencentes principalmente às classes baixas da sociedade, revelam ainda no encarapinhado dos cabelos, na forma do nariz e na cor da esclerótica e às vezes da pele, as suas afinidades com a raça etiópica, mas estas afinidades tendem a desaparecer mercê dos cruzamentos, podendo mesmo afirmar-se que não existem já num grande número de localidades da ilha.

Os habitantes dos campos da Madeira são em regra de constituição vigorosa e suportam sem as ressentir as maiores fadigas. O temperamento sanguíneo é vulgar entre eles, ao passo que na cidade predomina a temperamento bilioso-sanguíneo, com um misto mais ou menos pronunciado umas vezes de linfático, outras de nervoso.

«Os grandes roubos e assassínios, diz o Dr. Barral, são raros na Madeira; a mendicidade estudada, organizada, imoral e caluniadora das grandes cidades ainda ali não existe; e um grande número de habitantes da ilha não chega a ter uma ideia dos extraordinários crimes que se cometem hoje na Europa, em plena civilização».

O dr. Hans Sloane que visitou a Madeira nos princípios do século XVIII, conta que todos os negociantes andavam armados e que nenhum deles ousava sair de noite com receio de ser ferido ou morto. Diz ainda o mesmo médico que, para fazer desaparecer um inimigo, bastava dar uma pequena moeda a um negro, e

que em certa ocasião tratou de um sacerdote que fora ferido de noite por ter sido tomado por outra pessoa a quem pretendiam matar.

Não sabemos se há exagero no que refere o dr. Sloane; o que sabemos é que os crimes de morte são hoje raríssimos na Madeira e que a qualquer hora da noite se pode percorrer sem grande risco as ruas do Funchal e subúrbios, apesar da polícia ser insuficiente para velar pela segurança dos cidadãos. Todos os escritores modernos fazem justiça ao povo da Madeira, considerando-o como um dos mais ordeiros e generosos do mundo.

Num trabalho intitulado Breve e verdadeira demonstração das princípios e progressos do governo que João António de Sá Pereira fez na Ilha da Madeira, lê-se que havia desde antigos tempos o costume das mulheres que estavam para contrair matrimónio fugirem das oasas paternas para se unirem aos seus namorados, e que no dia imediato «os futuros noivos se vestiam com aceio para irem a casa dos seus amigos participar que F. tinha sahido da casa dos seus pais para casar.» Lê-se mais no referido trabalho que esta prática «era vulgar, com poucas excepções, entre a nobresa» e que «quando se presumia que fulano queria casar com fulana, se tratava quando seria a noite da fugida ou do furto».

O governador João António de Sá Pereira, o Pombal Madeirense, como lhe chama o Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo, procurou pôr termo a estes e muitos outros abusos que se praticavam na ilha, e por isso ao retirar-se para Lisboa, a 10 de Junho de 1777, se iluminaram muitas casas e foram queimados muitos fogos de artifício, tendo ele assistido a todas estas manifestações de regozijo, em razão do navio em que devia seguir viagem não ter podido por falta de vento sair imediatamente do porto do Funchal.

O velho hábito, há muito desaparecido da ilha, das donzelas fugirem da casa paterna antes do dia do casamento, mostra-nos que é erro supor que entre os

nossos antepassados predominava sempre a simplicidade de costumes. As práticas e usos condenáveis são de todos os tempos e, se uma parte da geração actual apresenta indícios claros de corrupção, é preciso convir, todavia, que certas praxes sociais são hoje mais acatadas do que em tempos antigos.

A gente do povo na Madeira, bem inclinada quase sempre, vive hoje geralmente despreocupada e feliz. O exercício de qualquer ramo de indústria ou de comércio deixa actualmente lucros consideráveis, e a elevação dos salários e a valorização dos produtos da terra trouxeram às classes operárias e aos agricultores uma independência e bem estar que não usufruíam noutras épocas. Este estado de coisas não afectou, porém, de modo sensível, os costumes singelos das populações campestres, cujas aspirações continuam a ser as mesmas dos seus antepassados, e é somente na cidade e proximidades que se observam, por vezes, nas classes trabalhadoras hábitos perdulários e uma certa tendência para o gozo, que certamente não existiam ainda há bem poucos anos.

A ilha da Madeira é incontestavelmente uma das mais importantes colónias portuguesas. Notável pela uberdade do seu solo, pelos seus óptimos vinhos, pela suavidade do seu clima e pelas belezas naturais de que é dotada, ela é conhecida de há muito como um país privilegiado, graças às excelentes descrições que a seu respeito têm publicado muitos estrangeiros.

Muito há, porém, a fazer ainda para que esta ilha se torne aquilo que pode e deve ser. Se a natureza foi pródiga para com ela, revestindo-a de encantos que poderão ser igualados, mas não excedidos, nem sempre tais encantos se patenteiam aos olhos do estrangeiro ávido de impressões, em consequência do atraso em que se acha a nossa viação.

A construção de boas estradas onde possam transitar automóveis e destinadas a ligar o Funchal aos pontos mais afamados pela sua beleza ou pelas soberbas

paisagens que dele, se desfrutam, é uma necessidade que se impõe se quisermos tirar da vinda dos estrangeiros a esta ilha todo o proveito que ela é susceptível de dar. Se amanhã os turistas puderem visitar tão comodamente o Rabaçal, o Fanal, o Paul da Serra, o Ribeiro Frio e o Santo da Serra, como visitam hoje o Monte e outros pontos dos arredores da cidade, terem dotado a ilha com um grande melhoramento e assegurado aos seus habitantes um futuro cheio das mais largas prosperidades (1921).

Neste artigo Madeira, estão sumariamente expostos alguns dados e informações de carácter genérico, procurando-se nos artigos subordinados ao mesmo título e que vão seguir-se, fornecer mais circunstanciados elementos acerca de todos os assuntos que ficam indicados.

Madeira (Antropologia). Como se sabe, a «antropologia», em seu significado etimológico e no seu sentido mais genérico, é o estudo do homem ou da humanidade, mas comunmente toma-se este termo para designar o estudo dos caracteres físicos do homem e das leis das suas principais variações. Aplicado esse estudo particularmente a uma região, entram como factores essenciais as raças predominantes no primitivo povoamento e as suas origens, o contacto com outros povos através do tempo, a situação geográfica, os aspectos orográficos e hidrográficos, a paisagem, o clima, a produtividade do solo, as condições sociais e económicas, os usos e costumes locais, etc, etc, além das variadas circunstâncias de carácter psicológico, etnológico e religioso estritamente mesológicas, que são também de valioso e indispensável auxílio para esse estudo.

Um trabalho dessa natureza, que exige uma preparação especial e largo conhecimento do meio ambiente, está inteiramente por fazer com respeito à

Madeira, existir do no entretanto alguns elementos dispersos, que podem ser vantajosamente aproveitados para esse fim, devendo mencionar-se como principais os primeiros capítulos do segundo volume da apreciada obra «Ilhas de Zargo» e as informações dispersas nas páginas das Saudades da Terra e nas suas eruditas anotações.

No decurso deste «Elucidário» e especialmente no artigo Madeira (Ilha da), encontram-se disseminadas várias notas não despiciendas para a elaboração desse estudo, e também nos artigos Colónia (Contrato de), Costumes Antigos, Crenças Populares, Escravos, Estrangeiros, Indumentária, Influências Etnológicas, Instituições Vinculares, Mouros, Povoamento, «Rambles in Madeira», Romarias e Vilão.

Madeira (Aspectos Hidrográficos: Baias, Enseadas, Portos e Praias da). Como já deixámos dito a páginas deste volume, não sendo fácil estabelecer-se uma rigorosa diferença de significado entre os termos «baía» e «enseada», ao referirmo-nos às reentrâncias que se encontram ao longo da costa marítima, consideramos como «baías» as do Funchal (pág. 111 do I volume) e Porto Santo (vid. este nome).

São estas as pequenas enseadas da Madeira: Abra, Machico, Garajau, Câmara de Lobos, Lugar de Baixo, Santa Cruz, Reis Magos, e Porto do Moniz (Vid. estes nomes).

Dos portos da Madeira, segundo se lê em uma informação de carácter oficial, consideravam-se até há pouco como bons o do Funchal (Vid. Funchal (Baía do) e

Porto do Funchal) e o do sul da ilha do Porto Santo (Vid. este nome), sendo tidos como sofríveis os da Abra, Machico, Santa Cruz, Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Porto do Moniz e Porto da Cruz, e mais os do Caniçal, Porto Novo, Reis Magos, Oliveira, Campanário, Lugar de Baixo, Madalena do Mar, Anjos, Fajã do Mar, Calheta, Jardim do Mar, Paul do Mar, Pesqueiro, Seixal, Fajã da Areia, Ponta Delgada, Boaventura, São Jorge e Faial. Os portos das freguesias do Porto do Moniz e Porto da Cruz são considerados como bons desembarcadouros, quando sopram os ventos do quadrante sul, não sendo então permitido qualquer tráfego em toda a costa meridional da Madeira, o que aliás sucede poucas vezes em cada ano. Nos últimos trinta anos, as condições dos portos destas localidades melhoraram consideravelmente com a construção de pequenos cais e desembarcadouros e com os trabalhos de acrescentamento e reparação realizados nos já existentes (V. cada um dos nomes acima indicados).

A este assunto interessa bastante o artigo Distâncias Marítimas, inserto a páginas 352 do vol. I, que apresenta uma tabela do número de milhas a que os diversos portos da Madeira se encontram distanciados uns dos outros. Já disse alguém que na Madeira não havia praias, talvez pela circunstância de não serem de areia e terem uma limitada extensão. Com efeito as desta ilha, exceptuando a da Prainha no Caniçal, são formadas de pequenas pedras ou calhaus rolados e de escuro basalto, tendo todas elas um aspecto sombrio e um piso difícil e incómodo. Em compensação, possui a vizinha ilha do Porto Santo uma das mais belas e extensas praias de todo o país. As principais praias da Madeira, algumas delas de extensão muito limitada, são as seguintes: Prainha, Caniçal, Machico, Seixo, Santa Cruz, Porto Novo, Reis Magos, Funchal, Formosa (V. estes nomes) Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Lugar de Baixo, Madalena do Mar, Calheta e Paul do Mar, na costa meridional, e as do Porto do Moniz, São Vicente, Fajã da Areia, Ponta Delgada, São Jorge e Porto da Cruz na costa setentrional. (Vid. estes nomes, sob a designação de «Portos» ou «Praias», e ainda o artigo Portos).

Madeira (Aspectos Hidrográficos: Baixas e Ilhéus). Vid.

artigo Ilhéus a pág. 132-1 e cada um dos nomes ali mencionados.

Os recifes ou baixios que nas proximidades do litoral afloram à superfície do oceano ou que ainda na baixa-mar se encontram a pequena profundidade são geralmente conhecidos na Madeira pelo nome de Baixas. Merecem ser mencionadas a de Aguagem, situada ao sul do Ilhéu dos Desembarcadouros, próximo da Ponta de São Lourenço, a de Atanásio, Badajeira, Barbeiros, Bispo, na costa marítima de Câmara de Lobos, Carneiro, Cesto, nas proximidades do litoral do Jardim do Mar, Conceição, Cotrim, no Porto Santo, Furado ou do Nariz, Galé, Galeão, Guincho, Junqueira, Larga, Leão, Marinheiros, Neta, Raiz, São Pedro, Três Irmãs, Machico e Porto do Moniz (Vid. estes nomes).

Madeira (Aspectos Hidrográficos: Ribeiras). Estes

aquedutos naturais, que correm geralmente nos leitos de profundos e apertados vales, são bastante numerosos nesta ilha e de caudais muito abundantes na quadra in-vernosa. Nascem nas faldas da cordilheira central e vão lançar-se no oceano, tendo algumas delas correntes subsidiárias, que lhes aumentam o volume e a rapidez do seu curso. «Todas, no inverno, diz o ilustre anotador das Saudades, trazem água abundante, frequentemente torrencial: enchem então, e, por vezes, transbordam, arrastando das montanhas milhares de toneladas de penedos mais ou menos grossos, muitos tamanhos, que depois, só em pedaços podem ser removidos, e todos, rolando na torrente uns de encontro aos outros, produzem, no choque, sinistro ruído, até que, obstruindo os leitos das mesmas ribeiras, os tornam sobranceiros aos terrenos marginais e estes, quando obstruídos não ficam, são arrastando-a pelas águas transviadas a muita distância, mar dentro, desfeitos em lodo; no verão porém, os veios de água tornam-se-lhes escassos e chegam em

algumas ribeiras a secar, em consequência dos desvios, já para regas marginais, já para as levadas que, tomando aí as águas correntes, as transportam a fertilizar remotas culturas em toda a superfície do litoral da ilha». Estas ribeiras transformam-se de quando em quando em caudalosas correntes que, saindo ros seus leitos e invadindo as margens que as ladeiam, arrastam violentamente grandes extensões de terrenos cultivados, currais e até casas de habitação, causando, por vezes, consideráveis prejuízos pessoais e materiais aos moradores das suas vizinhanças.

No artigo Ribeiras, daremos uma relação circunstanciada das ribeiras desta ilha com a designação dos lugares da sua origem, foz e percurso, indicando também as suas torrentes tributárias e respectivos pontos de confluência. (V. Quedas de Agua).

Madeira (Aspectos orográficos: Encostas, Planaltos e Vales). O inverosímil acidentado do solo madeirense e a caprichosa e variada configuração orográfica da sua forma merecia uma larga e minuciosa descrição, que a falta de espaço e de seguros elementos não permite fazer, limitando-nos a uma enumeração sumária das principais elevações montanhosas e suas altitudes, das pontas, vertentes e encostas, dos vales, planaltos, profundidades, etc, que se encontram espalhados nos 500 quilómetros quadrados de superfície de toda esta ilha.

«É ela constituída, diz-se no já citado Dicionário Universal Português Ilustrado, por uma elevada serra de mil e duzentos a mil e novecentos metros de altura, do dorso da qual sobressaem alguns picos e que vai de leste a oeste desde a Ponta de São Lourenço até bifurcar-se afinal, prolongando-se para noroeste sobre o

Porto do Moniz a formar a Ponta do Tristão e lançando um ramal de menor vulto para sudoeste, cujo extremo é a Ponta do Pargo: esta serra longitudinal, descendo com suas faldas e alguns ramais secundários por norte, por oeste e por sul em toda a sua extensão até o mar, divide a ilha em três grandes regiões, a saber: a do norte, desde a Ponta de São Lourenço, até à do Tristão; a de oeste, desde a do Tristão até à do Pargo, que abrange o território a dentro da mencionada bifurcação; e a do sul, que decorre desde a Ponta do Pargo até a de S. Lourenço: mas, como a região de oeste pende para noroeste e já está em muito sob a acção do quadrante do norte, os marítimos e, com estes, os madeirenses em geral, só distinguem duas regiões, uma, a que chamam Costa do Sul, que é a supra demarcada para este lado, e outra a Costa do Norte, que compreende a do norte e a de oeste referidas» (Acerca destas «costas», veja-se o que fica referido a págs. 310-311 do vol. I).

Como ficou dito, a cordilheira que, com altas eminências e sem solução de continuidade, atravessa longitudinalmente a Madeira de leste a oeste, estabelece bem distintamente as duas costas setentrional e meridional, erguendo-se no dorso dessa cordilheira muitos picos de acentuada altura entre os quais se destacam o Pico Ruivo, de todos o mais elevado, o do Cidrão, Torrinhas, Canário e Arrieiro. Mencionaremos os mais conhecidos, além dos que foram citados: Pico do Castanho, Pico da Mala, Pico do Arco de São Jorge, Pico das Torres, Pico da Neve, Pico do Poiso, Pico da Lagoa, Pico de Santo António, Pico do Arrebentão, Pico do Infante, Pico Grande, Pico dos Bodes, Pico da Urze, Pico do Gato, Pico da Amendoeira, Pico Queimado, Pico da Suna, etc. Como ramificações dos montes e picos da cordilheira central, destacam-se ainda muitas outras eminências, que por vezes se estendem até às regiões do litoral. Entre estas eminências mencionaremos as do Pico dos Barcelos, Pico da Cruz, Pico do Cardo, Pico dos Eirós, Pico do Facho, Pico das Favas, Pico da Cruz, Pico da Relva, etc. (V. cada um dos nomes que ficam indicados).

Para maior esclarecimento, devemos chamar a atenção do leitor para a desenvolvida notícia que se encontra a pág. 50 e 51 e ss. do vol I, em que se faz menção das «altitudes» de um número avultado de elevações montanhosas e de outros pontos dignos de serem especialmente conhecidos. A este assunto, oferecem particular interesse os dados fornecidos pela Missão Hidrográfica das Ilhas Adjacentes e que vêm insertos a pág. 95 do vol. I da apreciada obra «Ilhas de Zargo».

A única extensão de terreno que, no solo acidentadíssimo da Madeira, merece o nome de planalto é o do Paul da Serra (V. este nome). No entretanto, chamam-se comumente planaltos as pouco extensas planícies do Santo da Serra (V. Lagoa) na freguesia do mesmo nome, a Achada de Santana, na freguesia de Santana, e a das Achadas, na freguesia das Achadas da Cruz.

As principais pontas ou saliências da costa marítima desta ilha são as seguintes: a de São Lourenço, a de maior extensão, que tem várias pontas secundárias com os nomes de Furado, Abra, Dedais, Rosto, etc, Ponta da Queimada, Ponta de Santa Catarina, Ponta do Guindaste Ponta da Atalaia, Ponta da Oliveira, Ponta do Garajau, Ponta da Cruz, Ponta da Agua, Ponta do Sol, Ponta da Galé, Ponta do Jardim, Ponta da Fajã da Ovelha, Ponta do Pargo, Ponta do Tristão, Ponta do Porto do Moniz, Ponta Delgada, Ponta de São Jorge, Ponta de Santana, Ponta do Cortado e Ponta de Larano (V. cada um destes nomes).

O solo montanhoso e acidentalíssimo desta ilha determina a formação de muitos vales, alguns de notável profundidade, mas que em geral atingem uma extensão bastante limitada. Os principais são o do Funchal, especialmente no éitio chamado o Vale Formoso; o de Machico, que da praia da vila do mesmo nome «e estende entre as margens da respectiva ribeira; o do Jardim da Serra no extremo norte da freguesia do Estreito de Câmara de Lobos; o de São Vicente, situado na bacia hidrográfica da ribeira do mesmo nome incluindo a vila e suas imediações;

o da Penha de Águia, que torneja a rocha deste nome (V. Penha de Águia), o da Metade, próximo do Ribeiro Frio; o da Ribeira da Janela, entre as margens da ribeira deste nome. (V. Vales).

Relacionam-se com este assunto os artigos Fajã e Quebradas.

In Elucidário Madeirense, Vol. II, págs. 294-302

Consulte na Base de dados NESOS

<http://www.nesos.net>